

O ENVOLVIMENTO DO SER INFINITO NO SER FINITO: UMA ABORDAGEM SOBRE O SENTIDO DO SER EM EDITH STEIN

*Profa. Ms. Maria Célia dos Santos**

Resumo: O presente trabalho é uma abordagem sobre o significado da procura do fundamento eterno do ser finito elaborada por Edith Stein, fenomenóloga, assistente de Edmund Husserl. Aproximar-se das coisas, dos objetos, de qualquer experiência para alcançar-lhes o sentido mais profundo, parecia a Edith Stein um sinal luminoso apontando para o caminho certo. Uma verdade que não há de depender tanto dos esforços e situações humanas quanto do oferecimento que de si mesmas fazem as coisas. Aproxima-se da fenomenologia, de Husserl, da sua ideia de chegar à estrutura primeiríssima do fenômeno. Mas a fenomenologia não foi suficiente para sossegar o coração de Edith Stein que, ao longo do tempo, terá que se convencer de que a tentativa de Husserl de fundamentar, no próprio homem, o sentido da existência e seu horizonte de inteligibilidade, era insuficiente. Mesmo continuando fiel ao seu mestre Edmund Husserl, Edith Stein se lança na procura de outro domínio capaz de fornecer uma claridade mais definida. Seria necessário formular a questão fundamental de sua busca para direcionar melhor seus esforços à procura do fundamento eterno do ser finito. Começa a trabalhar incansavelmente para uma integração e um enriquecimento mútuo, sentindo a necessidade de introduzir a filosofia moderna dentro do cristianismo, na tentativa de harmonizar a fenomenologia com o tomismo. Em sua obra filosófica considerada mais importante *Ser finito e ser eterno*, reafirma sua fidelidade ao antigo mestre e à escola fenomenológica. Para ela, a oposição mais aguda estava no fato de a fenomenologia transcendental ser fundamentalmente egocêntrica, ao passo que a filosofia católica era teocêntrica. Sua reflexão parte do ser finito para chegar ao Ser eterno.

Palavras-chave: Ser, Verdade, Razão, Fé, Deus.

Abstract: This work is an approach about the meaning of pursue of the eternal foundation of finite being developed by Edith Stein, phenomenologist, Edmund Husserl's assistant. Closing to things, objects, any experience to reach them deeper meaning, seemed to Edith Stein a beacon pointing the right way. It relates to phenomenology, Husserl and to his idea of reaching the first structure of the phenomenon. But phenomenology was not enough to calm down the heart of Edith Stein, who over time, will have to be convinced that Husserl attempted to justify, in man himself, the meaning of existence and its horizon of intelligibility,

was insufficient. Even remaining faithful to his master Edmund Husserl, Edith Stein starts the search for another area able to provide a more defined clarity. Her reflection begins of the finite being to reach the eternal Being.

Keywords: Being; Truth; Reason; Faith; God.

O presente trabalho é uma abordagem sobre o significado da procura do fundamento eterno do ser finito elaborada por Edith Stein, fenomenóloga, assistente de Edmund Husserl. Alguns traços marcantes de sua vida falam por si. Lembremos que foi judia, alemã, ateia, militante feminista, filósofa, escritora, católica, monja carmelita, vítima da perseguição nazista e mártir. Isso tudo vivido num breve espaço de tempo correspondente a pouco mais de 50 anos (1891 – 1942). Breve mas suficiente para fazer florescer as aspirações próprias de uma alma particularmente sensível, voltada para o sentido mais profundo da existência e da vida humana.

Eis um traço marcante que sela a forma do seu pensamento e a impulsiona para o exercício de todas as suas atividades, nas mais variadas questões, na vida comum como na ciência: a procura do sentido do ser. Sua atenção estará voltada, de modo especial, para tudo o que se refere à pessoa humana e suas relações. Como fruto de suas reflexões neste sentido temos várias obras que procuram perpassar as diferentes facetas do complexo mundo das relações: do indivíduo consigo mesmo (na obra *Causalidade Psíquica*), passando para a relação possível entre os indivíduos capazes de compreender, trocar, penetrar e até apropriar-se da experiência do outro (na obra *Sobre o problema da empatia*, sua tese de doutorado)¹, estendendo-se às relações entre o eu e o grupo (*Indivíduo e Comunidade*) e depois entre a sociedade e Estado (*Uma investigação sobre o Estado*)².

Dotada de uma rara inteligência unida a uma sensibilidade marcante, Edith Stein faz uso dessas qualidades para tornar vivo, em sua existência, aquele ideal filosófico da procura da verdade e da vida em suas conexões profundas. Ideal esse que permanecerá sempre presente: mesmo carmelita, ela continuará filósofa. De assistente do fundador da fenomenologia, Edmund Husserl,³ a leitora assídua de Tomás de Aquino,

¹ Editado em espanhol pela Universidad Iberoamericana, México, 1995.

² Escritos contidos em um volume publicado em Tübingen, com recente tradução para espanhol por Editorial Monte Carmelo.

³ O texto *Idéias para uma Fenomenologia Pura*, obra central de Husserl, trata-se de três volumes. O segundo foi transcrito por Edith Stein. A transcrição era necessária porque

ou filha espiritual de Teresa d'Ávila e João da Cruz, Edith Stein perseguirá sempre esse desejo da verdade, capaz de nos lançar, águas acima, para as alturas, contra toda corrente que arrasta água abaixo, movida pelo feitiço da facilidade e do prazer.

Aproximar-se das coisas, dos objetos, de qualquer experiência para alcançar-lhes o sentido mais profundo parecia a Edith Stein um sinal luminoso apontando para o caminho certo. Uma verdade que não há de depender tanto dos esforços e situações humanas quanto do oferecimento que de si mesmas fazem as coisas. Aproxima-se da fenomenologia, de Husserl, da sua ideia de chegar à estrutura primeiríssima do fenômeno. Mas a fenomenologia não foi suficiente para sossegar o coração de Edith Stein que, ao longo do tempo, terá que se convencer de que a tentativa de Husserl de fundamentar, no próprio homem, o sentido da existência e seu horizonte de inteligibilidade, era insuficiente. Mesmo continuando fiel ao seu mestre Edmund Husserl, Edith Stein se lança na procura de outro domínio capaz de fornecer uma claridade mais definida. Seria necessário formular a questão fundamental de sua busca para direcionar melhor seus esforços à procura do fundamento eterno do ser finito.

O escrito ao qual faço referência no presente trabalho chama-se *Ser finito e ser eterno. Ensaio de uma ascensão ao sentido do ser*⁴. Trata-se de um estudo volumoso de pouco mais de 500 páginas, que tem uma dupla finalidade, conforme ela mesma confessa: refletir sobre o sentido do ser e lançar uma ponte entre o pensamento medieval e o pensamento contemporâneo⁵. Para levar a cabo seu intento, parte de outro estudo

Husserl tinha um estilo de pesquisa pessoal que fazia uso da estenografia (utilização de sinais muito breves para indicar uma palavra). Com isso escrevia-se muito rápido, já que as palavras ficavam abreviadas. Era um trabalho exaustivo; os assistentes precisavam conhecer a sua estenografia, já que ele não usava a habitual, transcrever e depois submeter ao mestre para avaliação. Foi assim que ele escreveu 45.000 folhas que iriam compor *Idéias II*, transcritas por Edith Stein, no ano de 1917.

⁴ Segundo a tradução espanhola. Utilizarei o volume III das Obras Completas editadas em co-edição pelas Ediciones El Carmelo, Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, Burgos, 2007. Texto original alemão: *Endliches und ewiges Sein. Versuch eines Auftrags zum Sinn des Seins*, em *Edith Steinns Werke*, Band II, Herder, Freiburg-Basel-Wein, 1986, 3ª edição.

⁵ "Se conservo el punto de partida, a saber, la doctrina tomista del acto y la potencia, pero solo como punto de partida. La obra se centró en la *cuestión sobre el ser*. La confrontación entre el pensamiento tomista y el fenomenológico es el resultado del análisis objetivo de esta cuestión. Y ya que estas dos preocupaciones, - la búsqueda del sentido del ser y el esfuerzo de fusionar el pensamiento medieval con el vivo pensamiento contemporáneo, - no solo constituyen su preocupación personal, sino que domina la vida filosófica y es sentida por muchos filósofos como una necesidad íntima, por eso la autora considera

chamado *Ato e potência*,⁶ obra que será publicada posteriormente. A grande questão da filosofia clássica, o problema do ser, será o tema central. Vale salientar que naquela altura a temática já havia voltado a figurar nos meios acadêmicos, sobretudo, fruto da recém-publicada obra *Ser e tempo*, de Martin Heidegger, em 1927. Aqui, a pergunta pelo sentido do ser constitui o fio condutor, ao qual Edith Stein fará sempre menção, desenvolvendo seu interesse ontológico em constante diálogo com pensadores antigos e contemporâneos. Prova disso é o que escreve logo no *Prólogo* da obra:

“Tal procedimento poderia resultar não só no caminho para uma claridade mais objetiva – nenhum sistema de pensamento humano alcançará jamais um ponto de perfeição tal que não possa sentir necessidade de mais clareza – mas, também, pode ser o caminho para uma viva mudança de parecer no contato com antigos pensadores e o entendimento de que, apesar do tempo e das barreiras constituídas pelas nações e as escolas, há algo que é comum a todos os que buscam lealmente a verdade”⁷.

Teremos ocasião de notar, repetidas vezes, seu cuidado e respeito no trato com os antigos pensadores, assim como também com os que no seu tempo voltam a ocupar-se do tema. “Este caminho se impõe especialmente à autora, posto que a escola de Edmund Husserl é sua pátria filosófica e a linguagem fenomenológica, sua língua materna. Deve tratar de encontrar a via que conduz deste ponto de partida à grande catedral da escolástica”⁸. Vale salientar sua preocupação, expressa desde a introdução da obra com um parágrafo intitulado: “*A questão do ser através do tempo*”⁹. Não havia problema para ela, o contato entre uma filosofia, dita “cristã”,¹⁰ com a escola dos gregos e modernos, chegando a

posible que su tentativa pueda ser útil a los demais, por más insuficiente que sea.” (SFSE, *prólogo* 3, p.605).

⁶ Obra dividida em seis capítulos. Os dois primeiros contêm análise dos conceitos de ato e potência em S. Tomas de Aquino. Os dois seguintes apresentam o que denomina de Ontologia material. O V estuda as características do ser dotado de espírito. O último, o mais extenso, é dedicado à confrontação do seu pensamento com um escrito de sua amiga filósofa Hedwig Conrad-Martius (1888-1966), *Diálogos metafísicos*.

⁷ SFSE, *Prólogo* 3, p.605.

⁸ SFSE §3, p.621.

⁹ SFSE §2, p.612.

¹⁰ Aqui merece uma observação acerca da questão da possibilidade, ou não, de uma “filosofia cristã”. O certo é que nem sequer os filósofos e teólogos católicos conseguem se entender na estruturação do que a expressão “filosofia cristã” pode esconder. Encontraremos alguns que irão identificá-la com o Cristianismo simplesmente; outros não veem problemas em unir os dois termos, uma vez que a filosofia pode se enriquecer com a

defender uma troca de ideias em momentos oportunos. Lembremos o título da obra: “*Ser finito e ser eterno. Ensaio de uma ascensão ao sentido do ser*”. O fio condutor é a busca do sentido do ser. Para esclarecer este caminho poderemos recorrer a quantos testemunhos ofereçam um pouco de luz. Aqui merece destaque a apresentação de certos componentes metafísicos aristotélicos e seus respectivos comentários por Tomás de Aquino,¹¹ tais como as diferentes noções de ser, de essência e existência, de matéria e forma, ato e potência... Mas, veremos a importância ser alargada, também, na referência feita a Agostinho, Dionísio Areopagita, Duns Escoto e autores contemporâneos como Max Scheler, Edmund Husserl e Martin Heidegger. Será, portanto, dentro desse vasto mundo de ideias que Edith Stein tentará desenvolver seu trabalho de elevação ao sentido do ser. Haja vista a sua profunda convicção quanto a excelência dos pensadores cristãos da Idade Média que “fizeram as mesmas perguntas que a nós interessam”,¹² bem como a existência de uma verdade *una*, que pode se apresentar de várias maneiras para nós¹³.

Inicialmente, podemos dizer que toda a obra está embasada numa apresentação do ser em suas diversas modalidades, seguindo uma apropriação do posicionamento aristotélico-tomista, perpassado por uma nítida influência de Husserl, como não poderia deixar de ser. Como o próprio nome indica, encontraremos uma ascensão, desde o material, temporal até o mais espiritual, infinito e eterno. Assiste-se a um

ajuda da fé. E não falta quem defenda, ainda, que o termo deveria ser reservado para a filosofia medieval.

¹¹ Edith Stein se detém a analisar a obra de Santo Tomás “*De ente et essentia*”, de preferência a “*Quaestiones disputate de potentia*”, de cunho mais teológico. Explica que nem sempre é fácil separar, em Tomás, o que vale filosoficamente falando do contexto teológico que envolve sua obra. Por isso, para orientar-se racionalmente para o tema prefere utilizar “*De ente et essentia*”, onde vemos um Tomás inteiramente como discípulo “do filósofo”. “Certamente aqui encontramos só um primeiro vislumbre, um broto da doutrina que depois crescerá até tornar-se uma grande árvore” (SFSE p.642). Neste pequeno compendio de uma doutrina do ser, Tomás considera a totalidade do ente como um campo ordenado por graus: Substancia ou coisas compostas (o mundo dos corpos, que encerra as coisas inanimadas e todas os seres viventes, inclusive o homem), espirituais ou simples (aquí Aristóteles pensava nos espíritos, pelos quais, segundo sua concepção, tem movimento os astros, e os autores medievais consideravam anjos) e o primeiro ente, Deus.

¹² SFSE §2, p.616.

¹³ “Existe um fato essencial que é inerente a todo trabalho filosófico humano: a verdade é *una*, porém, pode se apresentar para nós como muitas verdades que devemos conquistar passo a passo; temos que aprofundar em um ponto para que possamos conhecer maiores valores. Mas quando um horizonte mais vasto se abre diante de nós, então perceberemos em nosso ponto de partida uma nova profundidade”. SFSE § 1, p.610.

“*crescendo ontológico*”, no dizer de Ezequiel Garcia Rojo¹⁴. Haveria aqui simplesmente um “retorno às questões de princípio”, evidenciado por Husserl, desde a introdução das *Investigações Lógicas*,¹⁵ fazendo eco às numerosas tentativas feitas de assentar uma explicação de tudo quanto existe sobre um fundamento último originário?

Sabemos pela História da Filosofia quão árdua se constituiu esta tarefa através do tempo. Como resultado de tantas investigações à procura de um fundamento sólido para o saber filosófico, podemos dizer que todos coincidem na não aceitação de um processo *ad infinitum* na explicação do mundo, apostando em um princípio absoluto do qual deriva todo o resto. E por mais que estejamos diante de questões primeiras, para as quais é difícil encontrar resposta, a busca deve continuar. Já Aristóteles havia chegado à conclusão de que “é evidente que existe um princípio primeiro e que as causas dos seres não são nem uma série infinita, nem uma infinidade de espécies”¹⁶. A questão era, e continua sendo para Edith Stein, o ponto de partida. Conforme Husserl:

“Não basta ao filósofo que nos orientemos no mundo, que tenhamos leis e fórmulas pelas quais prevemos o curso futuro das coisas e reconstruímos o curso passado; ele quer trazer à luz o que é a essência da “coisa”, “processo”, “causa”, “efeito”, “espaço”, “tempo” e etc”¹⁷.

Não sem muita reflexão e vontade de avançar, Edith Stein encontra uma luz acesa há tempos por Agostinho quando, em um clima de constante luta interior, marcado pela insatisfação diante da instabilidade das coisas, se convenceu da necessidade de encontrar algo que pudesse preencher seu insaciável desejo de um bem duradouro. “Estamos convencidos de que, se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés da

¹⁴ ROJO, Ezequiel Garcia. *Una mujer ante la verdad. Aproximaciones a la filosofía de Edith Stein*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2002. Para ele, ainda “a autora não tem escrúpulos em constatar a alta dignidade de todo tipo de ente; se poderia falar de uma elevação original ontológica universal: em todos cabe contemplar a imagem da Trindade. É claro que no homem a imagem de deus e seu sentido adquirem tonalidades especiais por seus constitutivos pessoais: eu, corpo, alma e espírito”. P 74.

¹⁵ *IL* vol. I, §2, p.30.

¹⁶ *Metafísica* 994^a.

¹⁷ *IL* vol. I, §71 p.253. “E, além disso, que espantosa afinidade tem esta essência com a essência do pensar, tal que pode ser pensada; com a essência do conhecimento, tal que pode ser conhecida; das significações, tal que pode ser significada, etc. E se a ciência constrói teorias para a resolução sistemática de seus problemas, o filósofo pergunta o que é a essência da teoria, o que torna a teoria em geral possível, e outras questões similares”.

sorte”¹⁸. Foi quando ele resolveu abandonar o maniqueísmo e esforçar-se para demonstrar a sua falsidade, fundada na supremacia do corpóreo. Aproxima-se, então, do pensamento cético da “Nova Academia” que faz da suspensão do juízo a maior virtude, e afirma que o homem deve duvidar de tudo por não possuir o conhecimento preciso de coisa alguma¹⁹. Era aderindo à dúvida, duvidando até de si mesmo, que Agostinho pensava poder chegar à certeza de sua existência e manter viva a esperança de encontrar sentido para a vida e tranquilidade interior. Com efeito, em mais de um de seus escritos, Agostinho procura demonstrar, contra os cétricos, que o homem conhece com certeza algumas verdades, como, por exemplo, o princípio de não contradição e a própria existência, porque nesse caso a dúvida é uma prova da existência: “*Si fallor, sum*” (se me engano, existo)²⁰. Por trás de todo ato de conhecimento, certo ou duvidoso, está um sujeito que vive. Estamos, pois, diante de uma evidência irrefutável, uma verdade primeira. Isso levará Edith Stein a uma conclusão: “É completamente natural que tomemos nosso ponto de partida de onde nos está mais próximo, a saber, a natureza humana”²¹. Começar pela experiência, analisar o conteúdo dessa experiência, para deixar de um lado o contingente, do outro, o essencial. Esta é uma reflexão filosófica e, como tem em vista a compreensão de um ser, a este procedimento ela denomina ontológico²². A interpretação de Edith Stein, sobre a formulação do chamado *protocogito* de Agostinho é expressa da seguinte maneira:

“Em qualquer lugar – na “vida” de Agostinho, no “eu penso” de Descartes, no “ser consciente” ou no “vivenciar” de Husserl – se encontra um “eu sou”. Isto não é tirado ou deduzido como a fórmula do “*cogito, ergo sum*” parece indicar, mas é achado de modo imediato: pensando, sentindo, querendo ou de qualquer modo movido pelo espírito sou eu, e sou consciente deste ser”²³.

¹⁸ *A Vida Feliz* II, 11.

¹⁹ “Foi então que comecei a empenhar todas as forças do espírito na busca de um argumento decisivo para demonstrar a falsidade dos maniqueus: se me fosse possível conceber uma substância espiritual, todos os obstáculos teriam sido superados e afastados do meu espírito. Mas não podia (...) assim, duvidando de tudo, à maneira dos acadêmicos – como se imagina comumente – flutuando entre todas as doutrinas, resolvi abandonar os maniqueus.” (*Confissões* V, 14.25)

²⁰ “Tais verdades desafiavam todos os argumentos dos acadêmicos, que dizem: Qué? E se te enganas? Pois, se me engano, existo. Quem não existe não pode enganar-se; por isso, se me engano, existo” (*A Cidade de Deus* XI, 26).

²¹ SFSE p.959.

²² Cfr. EPH, p.291.

²³ SFSE p.646.

Para Edith Stein estava claro que a consciência do “eu” não é um ato produzido pelo eu, mas algo concomitante ao surgimento do próprio eu. De fato, nós não podemos experimentar nada sem estarmos, nós mesmos, presentes enquanto participantes da experiência. Chegará a dizer textualmente, mais tarde: “A consciência originária que acompanha toda a vida do eu, enquanto pertencente a ele, está simplesmente presente, sem ser introduzida deliberadamente”²⁴. A certeza do eu, se converterá, assim, para Edith Stein “conhecimento mais originário”, no sentido de que me está mais perto, é inseparável de mim e constitui um ponto de partida que impossibilita qualquer acesso a algo anterior²⁵.

Quando o sujeito se posiciona numa atitude de volta sobre si mesmo, de submersão no simples fato de seu ser, convertendo-se em tema de análise surgirá a tríplice pergunta: “Que é o ser do qual estou consciente? Que é o eu consciente desse ser? Que é o movimento no qual me encontro quando estou consciente de mim e dele?”²⁶. O desenvolvimento destas questões levará Edith Stein a fazer uso de vários procedimentos para chegar a uma conclusão que pudesse satisfazer. À pergunta sobre o ser, responde recorrendo à análise fenomenológica e à teoria do ato e potencia. Meu ser, do qual sou consciente, apresenta-se tal qual é, como uma mescla de ser e não-ser. Levando em conta o modo como se dá, imerso na temporalidade, aparece como diferente: como ser de alguns instantes passou e cedeu lugar ao ser de agora; que por sua vez cederá lugar ao que virá. Isso incessantemente. “E se consideramos no modo da consciência, se dá como uma coisa que, saindo da obscuridade, passa um raio de luz, para depois perder-se de novo na escuridão”²⁷. Dirá Edith Stein, falando desse ser:

“Enquanto ser “atual”, quer dizer, enquanto ser presente, efetivo, concreto, é um “agora” entre um “não mais” e um “ainda não”. E enquanto em seu caráter fluente, divide-se em ser e não-ser, acaba por revelar a *idéia do ser puro*, que não contém nada de não-ser, no qual não existe nenhum “não mais” e nenhum “ainda não”; o ser que não é temporal, mas eterno”²⁸.

Os atos da nossa consciência nos conduzem à constatação de que não somos seres absolutos, eternos; entretanto, carregam a certeza de que deve existir algo absoluto, eterno. E podemos chegar a isso considerando

²⁴ SFSE p.1020.

²⁵ SFSE 57 p.646.

²⁶ SFSE 57 p.647.

²⁷ SFSE p.648.

²⁸ SFSE 58 p.647.

a característica limitada da nossa constituição. Com efeito, o fluxo do tempo condiciona os nossos atos, de maneira que não podemos fazer duas coisas ao mesmo tempo, ocupar dois espaços ao mesmo tempo. Mesmo assim, fica em aberto o nosso desejo de ultrapassar os nossos limites, o que prova a possibilidade de pensarmos algo sem limites. Ou seja, dizemos que somos limitados por que comparamos a nossa limitação com alguma coisa de ilimitado, por mais que isso nos seja de difícil compreensão. Mas, apesar de tudo, sobre esse *eu* está alicerçada toda a experiência intelectual do ser humano. O que não deixa de causar certo espanto. Talvez estejamos diante daquela admiração primeira, na qual Aristóteles fazia repousar a origem de todo filosofar: “Os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficaram perplexos diante das dificuldades mais simples”²⁹. Aqui, Edith Stein já introduz a idéia de que o ser eterno e o ser temporal, o imutável e o mutável, e igualmente o não-ser são ideias que o espírito descobre em si mesmo; não são tomadas de alguma outra parte. Um filósofo que parte do conhecimento natural tem aqui um ponto de partida legítimo, para ela³⁰. Ainda não é o momento de falar de ser eterno, uma vez que estamos só começando e já nos deparando com um grande paradoxo: o que está sendo colocado como verdade fundamental, o conhecimento original – meu *eu* consciente de seu ser – encontra-se como que cercado por um abismo, o não-ser. Com efeito, estamos diante de uma obscura realidade: o *eu* consciente, sua origem e seu fim!

“Quando o *eu* olha para seu passado e vai retrocedendo sempre mais, chega a um momento em que já não pode distinguir nada definido; desaparece tudo. Por acaso esta nebulosidade continua sempre? Ele mesmo não chega a nenhum começo. Alguns podem dar-lhe testemunho do início do seu ser corporal. O *eu* teve igualmente um começo de seu ser? Sua experiência imediata não lhe dá nenhuma resposta sobre este ponto, assim como, também, sobre o seu possível fim”³¹.

Segundo Edith Stein, é como se um abismo se abrisse em diferentes pontos do ser do *eu*, lembrando que, para além do fugidio instante presente tem, ainda, um sussurro sombrio a nos atormentar: Sua origem está radicada no nada? Seu fim está se dirigindo para o nada? O abismo do nada pode se abrir a qualquer momento! E “quão débil nos parece, de

²⁹ *Metafísica* 982b 10-15.

³⁰ SFSE 58 p.647.

³¹ SFSE 77-78 p.662.

repente, o ser do *eu*, do qual dissemos que era o ente por excelência!”³² Não é difícil constatar que todo esforço para adentrar no mistério do ser humano com todas as precariedades a que está sujeito, conduzirá à consciência da nossa finitude e à impossibilidade de compreensão do nosso próprio mistério a partir de nós mesmos. Será este o motivo que leva à imensa maioria a viver superficialmente, sem uma análise racional acerca do sentido da existência, capaz de nos proporcionar alguma segurança radicada em si mesmo?³³ Talvez. Em certo sentido, há algo de positivo nesse olhar superficial. Uma análise mais apurada acerca da realidade instável, fugaz e fugidia do nosso ser, nos levaria a um vazio indescritível, prelúdio do sentimento de insatisfação e insegurança que é capaz de instalar em nós, a velha e conhecida angústia existencial... O que é reconhecido por Edith Stein: “Meu ser, tal como eu o encontro e tal como eu me encontro nele, é um ser nulo; eu não existo por mim mesmo e por mim mesmo nada sou. Encontro-me a cada instante diante do nada”³⁴. Mas essa constatação não detém Edith Stein, que não aceita simplesmente a tese de Heidegger que coloca o homem como ser lançado à intempérie do mundo, sem saber por quem e para quê. Aliás, é necessário fazer alusão à influência de Heidegger no desenvolvimento do pensamento de Edith Stein, uma vez que ela é uma das primeiras leitoras de *Ser e tempo*, e também das primeiras pessoas a reconhecerem o alcance e o significado da obra para a filosofia de todos os tempos³⁵. Edith Stein, porém, reage e parte em busca de categorias mais otimistas. Temos prova disso quando manifesta o fato da conservação do ser, momento a momento:

³² SFSE 78 p.662.

³³ “A análise racional retrospectiva do nosso ser mostra que existem poucas razões para que tal segurança se encontre nele mesmo e como, de fato, este está exposto ao nada” (SFSE p.667).

³⁴ SFSE p.664.

³⁵ “Não é possível dar idéia em poucas páginas da riqueza e da força das investigações, com freqüência verdadeiramente iluminadoras, que estão contidas na grande obra de Heidegger *“Ser e tempo”*. Nos últimos dez anos talvez nenhum outro livro tenha influenciado tanto o pensamento filosófico como este” (FMH p.1137). O que justifica as pouco mais de sessenta páginas dedicadas a uma pequena apresentação da obra de Heidegger, que consta como apêndice da obra *“Ser finito e ser eterno”*. É o caso de notarmos esta influência quando vemos o que diz do eu que “se encontra como uma coisa viva, como ser pensante, e ao mesmo tempo como proveniente de um passado e prolongando-se para um futuro: *o eu mesmo e seu ser estão inevitavelmente ali*; é um *“ser jogado na existência”*. Mas isto é a maior contraposição frente ao domínio e à autocompreensão de um ser que é a partir de si mesmo” (SFSE p.663).

“Ao fato inegável de que meu ser é fugaz e se prolonga de um momento a outro, e se encontra exposto à possibilidade do não-ser, corresponde outro fato também inegável de que eu, apesar desta fugacidade, *sou* e sou *conservado no ser* de um instante a outro; enfim, em meu ser fugaz, eu abraço um ser duradouro”³⁶.

Aparece aqui, uma nítida contraposição, àquele nível a que fomos levados pela consideração da nossa caducidade. Não é negada a indigência do nosso ser; mas é a partir dela que se exige a existência de algo superior, capaz de servir de fundamento. Edith Stein como que nos conduz, em virtude de certa analogia, do contingente ao perfeito, do mutável ao imutável. Gabriel Garcia Rojo lembra que “este mecanismo de argumentação faz eco à doutrina de Karl Jaspers, para quem as experiências limites (neste caso a ontológica) impulsionam a aspiração para o infinito”³⁷. Edith Stein o aplica a seu sistema do seguinte modo: “O *eu*, ao ultrapassar em pensamento todos os graus que *lhe* são acessíveis e ao chegar à fronteira limite do que pode imaginar, chega à ideia de um ser que tudo abarca e que seja supremo em intensidade”³⁸. Quer dizer que é na experiência de sua finitude que o homem se encontra diante de uma abertura ao infinito. Edith Stein vai explicar assim:

“É característico de todo ser finito o fato de não poder ser compreendido exclusivamente a partir de si mesmo, mas remeter a um primeiro ser que temos de considerar infinito, ou, mais corretamente, o ser infinito, por que o ser infinito só pode ser Uno. A este ser primeiro e infinito damos o nome de Deus, dado que seus atributos estão em correspondência com nossa idéia de Deus. Desta maneira, se pode considerar como uma evidência ontológica o fato de o ser do homem assim como todo o finito, remeter a Deus e sem relação com o ser de Deus ser incompreensível”³⁹.

Lembremos Heidegger quando diz que “o estar suspenso do *ser-af* dentro do nada originado pela angustia escondida é o ultrapassar do ente em sua totalidade: a transcendência”⁴⁰. Isso teria a finalidade não de

³⁶ SFSE p.667.

³⁷ ROJO, *op. cit.* p.187.

³⁸ SFSE p.665. Em outro estudo repetirá a mesma convicção: “Tanto no seu interior como no mundo exterior, o homem acha indícios de algo que está acima dele e de tudo o mais, do qual ele e tudo o mais dependem. A pergunta acerca desse ser, a busca de Deus, pertence ao ser do homem” (EPH p.55).

³⁹ EPH p291. Este ser, que é por si mesmo, necessário, sem começo e causa de tudo o que começa, deve ser uno. Já que, se fosse múltiplo, haveria necessidade de estabelecer uma distinção entre um ser e outro, o que faz tal qual é, o que o diferencia do outro e o que tem em comum com os outros. Isso não pode existir no ser primeiro.

⁴⁰ Heidegger. *O que é a metafísica*, p.60.

lançar o homem nas trevas mais profundas; antes, teria como meta apresentar-nos a própria Metafísica, definida como “o perguntar além do ente para recuperá-lo, enquanto tal e em sua totalidade, para a compreensão”⁴¹. Aqui teria lugar um peculiar salto da própria existência nas possibilidades fundamentais do *ser-aí*, em sua totalidade. Para isso, entretanto, é necessário criar espaço para o desenvolvimento do homem em todas as suas dimensões e fazer com que ele se lance na procura do fundamento originário. A diferença é que, enquanto Heidegger se detém diante do dilema do ser ou não-ser, evidenciado pela pergunta “por que existe o ente e não o nada?”⁴², Edith Stein aposta no ser e, do próprio *ser-aí*, prefere perguntar pelo “*fundamento eterno do ser finito*”⁴³. E apresenta duas, ou três, vias de acesso a esse fundamento: o caminho da fé, o da filosofia e o da mística⁴⁴. Esses caminhos são diferentes; o da fé constitui uma resposta de outra dimensão à questão proposta pelo conhecimento filosófico, que também tem o seu próprio proceder. No caso, o das *provas*

⁴¹ Idem, p.61.

⁴² Idem, p.63. Seria a natureza auto-suficiente, capaz de explicar-se completamente por si mesma, ou, pelo contrário, deve-se admitir a existência de um fundamento que a transcenda e que explique, em última instância, seu ser e sua atividade? Inquietação que leva Kant, nos *Prolegômenos*, a perguntar: “Como é possível a própria natureza?” (*Prolegômenos a toda a Metafísica Futura*. §36). Essa questão já havia sido formulada por Leibniz e Schelling, tornou-se o tema central da metafísica de Heidegger e também pode ser encontrada em Wittgenstein quando afirma: “o que é místico não é como o mundo é, mas que ele seja” (proposição 6.44 do *Tractatus Logico-Philosophicus*).

⁴³ SFSE p. 1200; *Apêndice II, A filosofia existencial de Martin Heidegger*. Podemos acrescentar: “Em meu ser eu me encontro, então, com outro ser que não é o meu, mas que me sustenta e é o fundamento do meu ser, que não possui em si mesmo o fundamento” (p.667). Para ela, o nosso ser pode se sentir amparado e seguro. É claro que não se trata aqui da confiança segura de si mesmo do homem que, pelas suas próprias forças, pode se manter de pé sobre a terra firme; trata-se, antes, da doce segurança de uma criança que repousa sobre um braço forte. “Quer dizer, uma segurança que, vista objetivamente, não é menos razoável. Com efeito, a criança que vivesse constantemente na angústia de que sua mãe lhe poderia deixar cair, seria razoável?” (p. 667).

⁴⁴ Formas do conhecimento de Deus: fé, a razão e a mística. A fé não se opõe, mas completa o conhecimento filosófico (insuficiente). Teríamos um conhecimento natural (impessoal), incapaz de conhecer Deus; um abismo; a tentativa de uma ponte. A fé (interpessoal) possibilitaria um passo além, não contra o caminho da razão (limitado diante da sublimidade do seu objeto). Constituiria outro caminho?.. A mística seria uma espécie de terceira via, para além da fé e da razão. Produziria um conhecimento peculiar de Deus. Aqui teríamos Deus, não só pensado, crido, mas experimentado! Em resumo poderíamos dizer: O conhecimento racional é discursivo. O conhecimento pela fé guarda ainda a possibilidade de diálogo, de discutir através da apresentação do que se crê, por que se crê... A via mística, porém, não é para todos. Agrega a exigência de um mínimo denominador comum para abrir a possibilidade de diálogo.

de Deus⁴⁵. Racionalmente teríamos que admitir como fundamento de todo ser finito unicamente “um ser que não é recebido, como todo ser humano: este ser deve existir por si mesmo; é um ser que não pode – como tudo que tem um começo – deixar de ser, pois é necessário”⁴⁶. Aqui podemos lembrar a prova ontológica de Santo Anselmo que diz: “Deus é aquilo ao qual nada de maior pode ser pensado”, a qual é amplamente trabalhada por Edith Stein na obra *Ser finito e ser eterno*⁴⁷. É indispensável, para ela, lançar mão do caminho da fé que nos conduz mais adiante que o caminho do conhecimento filosófico; é que ele nos conduz a um Deus pessoal e próximo, acompanhado de uma certeza que não se encontra em nenhuma parte no conhecimento natural. O que não significa dizer que seja um caminho mais luminoso. “Com efeito, também o caminho da fé é um caminho escuro. Deus mesmo faz descer o tom de sua linguagem à

⁴⁵ Aqui podemos lembrar a atitude de São Tomás ao trabalhar o tema do *ser*, motivado por seu interesse pela existência das coisas, sua origem e significado. “Era uma constante em sua reflexão a pergunta: quem dá a existência às coisas? Durante toda a sua vida ficou evidenciada sua tentativa de responder a esta questão; o que o levou a fazer uso da filosofia, unindo-a à teologia. Para ele, o que era claro do ponto de vista religioso, o fato de Deus ser a origem da existência de todas as coisas, deveria ser justificado racionalmente; e esta era tarefa da filosofia. Para isso utiliza Aristóteles, sua concepção de movimento, que pareceu melhor se adaptar à sua tentativa de justificar objetivamente a existência. Quem, pois, dá movimento, vida às coisas? Elas mesmas? Se fizermos uma análise partindo das coisas que nós vemos para chegarmos à origem, poderíamos perguntar pela nossa vida, dada pelos nossos pais, pela vida dos nossos pais, dada pelos pais deles... e nunca chegaríamos a uma razão última, única. Para Tomás, esse é um raciocínio filosófico para demonstrar uma verdade dada pela fé: Deus é a origem de todas as coisas! É assim que ele elabora *cinco modos de explicar, demonstrar a existência de Deus*”.

⁴⁶ SFSE p. 668. Aqui podemos encontrar uma alusão clara à terceira das cinco vias que São Tomás apresenta como provas da existência de Deus na *Summa theologiae* I, q.2,a.3: 3ª Prova – Do Ser Necessário: Este argumento nos fala que os entes (coisas) são contingentes, ou seja, não são necessários. Contingente é aquilo que pode existir ou deixar de existir. Tudo que existe no mundo houve um tempo em que não existiu e haverá um tempo em que não existirá mais. Sendo assim, houve um tempo em que nada existiu. Mas se isso fosse verdade, ainda hoje nada existiria, pois “*ex nihil nihilo fit*” (do nada, nada provém). É preciso admitir que existe um ser que é necessário e que através dele todos os outros seres vieram a existir. Este ser não pode não ter existido em determinado tempo e nunca deixará de existir. Este ser é Deus. Também chamada de “*O Possível e o Necessário*” pelos filósofos árabes, ou de “*Contingentia mundi*” por Leibniz.

⁴⁷ SFSE p.717-728. No *Monologion* Anselmo formula quatro provas *a posteriori* de Deus; no *Proslogion*, apresenta o argumento ontológico argumento ontológico que diz: “Deus é aquilo ao qual nada de maior pode ser pensado”. Pensamento que até um ateu poderia acatar. Aceito isto, para Anselmo, não se pode negar que Deus existe fora do nosso pensamento; caso contrário, estaríamos admitindo que é possível algo maior do que Deus, algo que, além de existir no pensamento, exista também na realidade. O que seria contraditório, pois afirma e nega que Deus seja o ser do qual nada pode ser maior.

medida do homem a fim de tornar acessível o inacessível”⁴⁸. O que já Agostinho tinha expressado de forma tão simples: “Que há de estranho em não compreendermos a Deus? Se o compreendêssemos, ele não seria Deus”⁴⁹.

A partir daqui, Edith Stein lança mão de argumentos referentes à doutrina do ato e potência⁵⁰ para aprofundar sua noção de forma e matéria. Dedicará todo um capítulo – o quinto – à questão dos transcendentais,⁵¹ antes de falar do sentido do ser, explicitando o componente comum do sentido de todo ser finito e os diversos tipos de ser (ser essencial, existência, ser real e em pensamento), no capítulo sexto⁵². A consciência da nossa finitude, alcançada quando o *eu* se coloca diante de si mesmo, possibilita o descobrimento da ideia de um ser eterno, capaz de constituir-se em fundamento de qualquer outro ser. É o que nos diz quando afirma que “a unidade perfeita do ser eterno se contrapõe ao estado de fragilidade do ser criado; mas, apesar do abismo entre os dois, existe algo em comum que nos permite falar de ser nos dois casos”⁵³. Da ideia de ser e não-ser passa à ideia de atualidade. Podemos considerar como não-ser, o que era, mas já não é, o que será, mas que ainda não é? Claro que não. Acontece como se eu considerasse o ser presente-real, do momento, como subsistente só para si mesmo. Seria possível imaginar um ponto pertencente a uma linha, fora dela; ou o topo de uma onda que pertence a uma corrente, existindo isoladamente? Pelo contrário, “estas imagens descrevem um ser que é permanente, porém

⁴⁸ SFSE p.669.

⁴⁹ Salmo 117,5. No tratado *De Trinitate* já havia expresso: “Com que ato de inteligência quer o homem entender a Deus se ele nem mesmo é capaz de entender a própria inteligência com a qual pretende entender a Deus?” (*De trinitate V 1,2*)

⁵⁰ Aqui lança mão das considerações de Tomás acerca das limitações e imperfeições das coisas; O que acaba por remeter à ideia de um princípio necessário que possa lhes dá a existência. É o que Tomás chama de *actus essendi*, ato do ser, fazendo referência ao termo aristotélico. Ao ato puro de Aristóteles, aquele que atrai todas as coisas, Tomás atribui o fato de dar a vida, a existência.

⁵¹ Também conhecida como “*questão dos universais*”, designa a disputa sobre o *status* ontológico dos universais (ideias gerais, termos aplicáveis a todos os indivíduos de um mesmo gênero ou espécie), que começou na Escolástica do sec. XI e caracterizou toda a filosofia medieval. Esta polemica opôs os nominalistas, que recusam a existência real dos termos universais (para eles o termos universais seriam apenas palavras) e os realistas, para quem os universais têm uma existência real. Edith Stein faz alusão direta aos universais em SFSE p.705-711.

⁵² O último tópico do Cap. VI intitula-se: “*Distinção entre ser eterno e ser temporal, ser essencial e ser real, ser real e ser possível, forma e conteúdo*” (p.950).

⁵³ SFSE, p.652.

que não é atual ao longo de toda a sua duração”⁵⁴. Refere a algo que eu não sou atualmente, mas que serei no futuro. Então, o que sou agora, o meu presente, contém a possibilidade de um ser atual futuro e pressupõe uma possibilidade em meu ser passado. Meu ser presente é atual e potencial, real e possível ao mesmo tempo, e na medida em que é real, é a realização de uma possibilidade que já existia e que permanecerá na minha lembrança.

“Só pelo fato de que na lembrança e na expectativa conservo espiritualmente meu passado e meu futuro dentro de certo âmbito, não rigidamente delimitado, cresce em mim a *imagem* de um passado e de um futuro repletos de um ser permanente, quer dizer, de uma *extensão de existência*, enquanto que de fato meu ser se encontra como sobre um fio de navalha”⁵⁵.

Para Gabriel Garcia Rojo, Edith Stein chegará às mesmas conclusões olhando por outra perspectiva: a do esforço de conservação da vida no tempo. “Resignar-se aos limites de espaço e tempo em que se desenvolve o homem repugna aos anelos de autoafirmação que encerra. A morte mesma pode ser aceita, mas não compreendida a partir das ânsias de viver”⁵⁶. Como tratar esta tensão? Através do recurso à “eternidade”. “Todo o nosso ser, presente e futuro, está configurado desde a eternidade, tem seu sentido para a eternidade, e só produz para nós claridade se, e na medida em que o pomos à luz da eternidade”⁵⁷. Seguindo ainda seu pensamento, entrar a fundo na questão do homem obriga a buscar o “fundamento eterno do ser finito”. Somente assim o ser humano encontrará um sentido satisfatório para a sua caminhada no mundo. É que “a investigação do sentido do ser nos conduziu ao ser que é o autor e a imagem primitiva de todo ser finito”⁵⁸. Isso nos desviaria daquele sentimento de instabilidade causado por uma análise da ontologia humana, que nos remete apenas a uma constatação de um ser lançado na existência, sem saber por quem e para quê. Seria uma tentativa de trabalhar uma filosofia que é carregada de otimismo, ao procurar descobrir um sentido no âmago mais profundo daquilo que existe; sem deixar de ser uma filosofia do concreto, já que o ser é o ato graças ao qual as essências existem de fato. Tudo isso unido ao caráter essencial de uma filosofia do crente, do amante da vida, uma vez que só

⁵⁴ SFSE p.648.

⁵⁵ SFSE p.649.

⁵⁶ ROJO, *op. cit.* p.188.

⁵⁷ LM, p.84.

⁵⁸ SFSE p.951.

ele pode lançar as essências à discussão e captar o ato básico e positivo graças ao qual existe algo ao invés de nada!

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.

AGOSTINHO, S. *A Trindade*. São Paulo, SP: Paulus, 1984.

_____. *Confissões*. São Paulo, SP: Paulus, 1997.

_____. *Solilóquios e A vida feliz*. São Paulo, SP: Paulus, 1998.

_____. *A Cidade de Deus*. São Paulo, SP: Bragança Paulista – Ed. Universitária Franciscana, 2007.

ALES BELLO, Ângela. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

AQUINO, Tomás. *Verdade e Conhecimento*. Tradução, estudos introdutórios e notas de Luiz Jean Lauand e Mário Bruno Sproviero. São Paulo, SP: Martins fontes, 2002.

_____. *Suma Teológica I*. Introdução e notas: Thomas d'Aquin – Somme Théologique, Les Editions du Cerf, Paris, 1984; Texto latino de Editio Leonina, Turim, Roma, 1948. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001.

_____. *O ente e a essência*. Coleção os Pensadores. São Paulo, SP: Editora Nova Cultural, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

_____. *O que é a metafísica*. São Paulo, SP: Editora Nova Cultural, 1996.

HUSSERL, Edmund. *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *Investigações lógicas*. Três volumes. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

KANT, I. *Prolegômenos a toda a Metafísica Futura*. Lisboa: Edições 70, 1982.

MUÑOZ, Florêncio Garcia. *Edith Stein, signo de contradicción*. Madrid: San Pablo, 2007.

ROJO, Ezequiel Garcia. *Uma mulher ante la verdad. Aproximações a la filosofia de Edith Stein*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2002.

STEIN, Edith. *Obras Completas*, vol. III. Burgos: Ediciones El Carmelo, Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007.

_____. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 1998.

_____. *Autorretrato epistolar (1916-1942)*. Madrid: Editorial de espiritualidad, 1996.

_____. *A filosofia existencial de Martin Heidegger*. In: *Obras Completas*, vol. III. Burgos: Ediciones El Carmelo, Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007.

_____. *Ser finito e ser eterno*. In: *Obras Completas*, vol. III. Burgos: Ediciones El Carmelo, Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007.

_____. *La mujer. Su papel según la naturaleza y la gracia*. Madrid: Palabra, 1998.

_____. *Obras selectas*. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2002.

_____. *Escritos esenciales*. Editorial Sal Terrae, 2003.

**Prof. Ms. Maria Célia dos Santos*

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará-UFC

Professora da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri.

mariacelia@cariri.ufc.br.